JOÃO PAULO
OLIVEIRA E COSTA

EPISÓDIOS DA MONARQUIA PORTUGUESA

JOÃO PAULO
OLIVEIRA E COSTA

EPISÓDIOS DA MONARQUIA PORTUGUESA

TEMAS E DEBATES

Apresentação

A história de um povo, como a de um indivíduo, resulta de uma série contínua de acontecimentos que se sucedem ininterruptamente. Muitos desses factos são repetitivos e constituem a generalidade do dia a dia em que vamos evoluindo ao longo do tempo; com o andar dos anos mudam-se as rotinas, alteram-se os condicionalismos, mudam-se as vontades e sem dar por isso esse dia a dia repetitivo está diferente passados uns anos. A História tem como objetivo reconstituir essas narrativas longas e explicá-las — comparando-as com outras da mesma época, percecionando as mudanças verificadas ao longo do tempo numa determinada sociedade, reconstituindo, cada vez com mais precisão, a sequência dos factos. É o filme da vida, que também pode ser apresentado como um longo livro em forma de narrativa.

É comum, hoje em dia, gravarmos partes das nossas vidas, da mesma forma como o país, as cidades, as instituições ou os grupos sociais podem ser analisados sistematicamente em livros de grande fôlego, ou através de filmes. Úteis para o exercício da memória, são contudo obras que se veem ou leem ocasionalmente, talvez mesmo uma vez na vida. Quando recebemos uma visita em nossa casa, é pouco provável que lhe mostremos um filme das nossas últimas férias ou da viagem mais recente, cuja duração é relativamente longa, mas será mais fácil mostrar um conjunto de imagens dessas mesmas férias ou viagens. E através dessas imagens poderemos contar a história desses acontecimentos.

A nossa memória é forjada nessas vivências repetidas incessantemente, articulando a experiência individual de umas décadas com o legado coletivo de séculos. As experiências de vida formam, pois, a nossa iden-

tidade, mas a nossa memória é seletiva; conserva uma ideia difusa dos quotidianos repetitivos, mas guarda lembranças detalhadas dos momentos mais marcantes e algumas são evocadas regularmente com festas particulares ou com feriados do Estado. Do longo filme da nossa vida ou do mais extenso filme da nossa comunidade conservamos *flashs* inesquecíveis, quase sempre acontecimentos marcantes, uns geradores de felicidade ou de esperança, outros trágicos, arrepiantes mas igualmente inesquecíveis e até fundadores de novos comportamentos e de novos rumos.

Portugal foi governado por uma monarquia durante mais de sete séculos e meio, desde a sua fundação, em 1143, até ao advento da república, em 1910. Este longo período permanece vivo na memória coletiva dos portugueses e é estruturante para a nossa identidade de concidadãos deste país. Na sequência de outras obras e coleções dedicadas aos reis e às rainhas de Portugal, esta obra pretende ser um complemento dedicado ao público que se interessa pela História, e que busca informações curtas mas precisas sobre os principais acontecimentos que marcaram o tempo da monarquia.

O grande público dispõe, de facto, de várias obras que apresentam sínteses mais ou menos longas desse processo histórico secular, a que se juntam inúmeros livros sobre os reis e as rainhas bem como de muitas outras figuras que tiveram um papel importante na evolução dos acontecimentos. A historiografia portuguesa é rica e tem qualidade, e o público sem formação específica em História, mas que tem gosto em conhecer o passado, dispõe de livros adequados para tomar conhecimento da História de Portugal quer na sua longa duração, quer nas suas diferentes conjunturas, quer mesmo no que respeita a muitos acontecimentos mais relevantes.

Esta obra tem, por isso, um objetivo diferente, pois foi concebida como sendo um álbum de memórias. Lembra acontecimentos especiais, desde os tempos que antecederam a fundação da monarquia, até ao momento em que esta se extinguiu com a partida do último rei para o exílio. No entanto, embora tenha sido organizada de uma forma cronológica, evoca acontecimentos de todos os séculos, que podem ser lidos aleatoriamente, sem respeitar o modo como foram ordenados. Cada memória, cada *flash*, constitui uma narrativa completa que evoca um

acontecimento e o enquadra na sua época, e o leitor pode saltitar de episódio em episódio como se dispusesse de uma máquina do tempo que o transportasse para a frente e para trás conforme o seu capricho, tal e qual nós podemos fazer quando manuseamos um álbum de fotografias.

A escolha dos episódios é da minha exclusiva responsabilidade e estes formam um conjunto de acontecimentos que me parece ser muito representativo dos principais momentos da História de Portugal no tempo da monarquia. A sua escolha procurou responder a interesses diferenciados:

— por um lado, elementos fundacionais, que ajudaram a estruturar o país e que têm a marca de corresponderem a «uma primeira vez», e que têm em contraponto outros acontecimentos que prenunciam o fim do regime e que são lembrados como «uma última vez»;

— evoco, além destes, uma série de acontecimentos singulares, alguns que nunca se repetiram ou que se destacam por terem sido inigualáveis e terem ganhado um lugar especial na nossa identidade coletiva, pois a memória fixa sempre mais facilmente o excecional;

— lembro também momentos especiais das vidas dos próprios reis e rainhas de Portugal, pois as suas vivências confundiram-se com o destino do reino e os seus triunfos e os seus fracassos marcaram a vida do próprio país, assim como as suas alegrias, os seus amores ou as suas desilusões, cuja evocação muitas vezes vai resvalando para o domínio da lenda, em que pessoas singulares vão sendo transformadas em heróis ou em vilãos;

— e com os monarcas, temos os seus conselheiros, os seus ministros e os cabos de guerra que os apoiaram, que moldaram com eles a História, quer no retângulo peninsular quer nas ilhas adjacentes quer ainda nos territórios longínquos do antigo império ultramarino;

— vitórias e derrotas, epopeia e tragédia, amores e ódios, ansiedades coletivas e revoltas, euforias e teses decadentistas, leis e tratados estruturantes, sucedem-se ao longo do tempo, num desfiar de memórias soltas.

Cada evocação vale por si, mas se o leitor as ler sequencialmente estará a ler uma história da monarquia portuguesa como se folheasse um álbum de fotografias, e aqui encontrará, sem dúvida, os elementos identitários da nação portuguesa.

* * *

A maior parte destas evocações é acompanhada de referências bibliográficas, que na sua maioria remetem para as biografias dos reis de Portugal. Usei preferencialmente esta coleção por se tratar de trabalhos recentes que abordaram sistematicamente a vida dos 34 monarcas que se sentaram no trono de Portugal, que servirão perfeitamente de ponto de partida para um aprofundamento dos temas que abordo sucintamente nesta obra; a bibliografia sobre cada assunto aqui referido é vasta e os textos que cito apresentam muitos outros que poderão ser procurados pelos interessados num tema específico.

Estas referências bibliográficas servem para informar o leitor sobre obras onde pode encontrar bem referenciados os factos que são evocados, mas a linha interpretativa é da minha responsabilidade, sendo que umas vezes concordo com as próprias teses veiculadas nas obras citadas, mas noutras poderei ter opiniões diferenciadas.

* * *

Esta obra reflete o meu gosto pela História e o meu desejo de nunca me deixar enclausurar numa «especialidade» castradora, que me torne incapaz de compreender os grandes movimentos e os grandes momentos da História, e em especial os do meu país e da minha nação.

Este livro foi concebido no verão de 2012 e redigido no final do ano, e só foi possível com a compreensão do Guilherme e da Leonor e com o apoio fundamental e inexcedível da Maria Manuel. Escrevi-o eu, mas é produto de uma família.

João Paulo Oliveira e Costa
Lisboa, 8 de janeiro de 2013

1109, agosto
O nascimento do rei fundador

Não se sabe o dia exato, nem o local em que o nascimento teve lugar. Sempre se julgou que foi em Guimarães, mas hoje todos os indícios apontam para a cidade de Viseu e para o mês de agosto de 1109. A condessa D. Teresa, filha do grande Afonso VI, imperador da Hispânia e conquistador de Toledo, e esposa de D. Henrique, conde de Portucale, deu então à luz um menino, a quem foi dado o nome do avô. Chamaram-lhe pois Afonso Henriques, que naquele tempo era o mesmo que dizer Afonso, filho de Henrique. Mais tarde, ao entrar na vida pública começou por usar o título de infante, ele que era neto do grande rei, falecido pouco antes, a 29 de junho, e era sobrinho de D. Urraca, a nova rainha de Leão e Castela. Pouco se sabe também sobre os seus primeiros tempos; a lenda entregou-o ainda bebé ao aio Egas Moniz, mas contentemo-nos em admitir que o infantezinho foi criado por membros de uma poderosa família da região de Ribadouro, talvez a dos Moniz, com paço em Cárquere, à beira do grande rio, no atual concelho de Resende.

Quando D. Afonso Henriques nasceu, já as terras do rio Minho ao rio Mondego, mais o vale do Douro até Miranda e os territórios transmontanos, estavam ligados entre si há mais de cem anos numa entidade política semiautónoma, o condado portucalense, criado em 868 e atribuído a Vímara Peres, conquistador do Porto e fundador de Guimarães. A linhagem do conde extinguira-se em 1071, e o território fora depois concedido a um borgonhês casado com uma infanta real. Os sentimentos identitários que germinavam do Minho às Beiras não esmoreceram pelo governo de D. Henrique de Borgonha, que naturalmente buscava